



Informativo sobre a Estiagem no Nordeste - nº 44

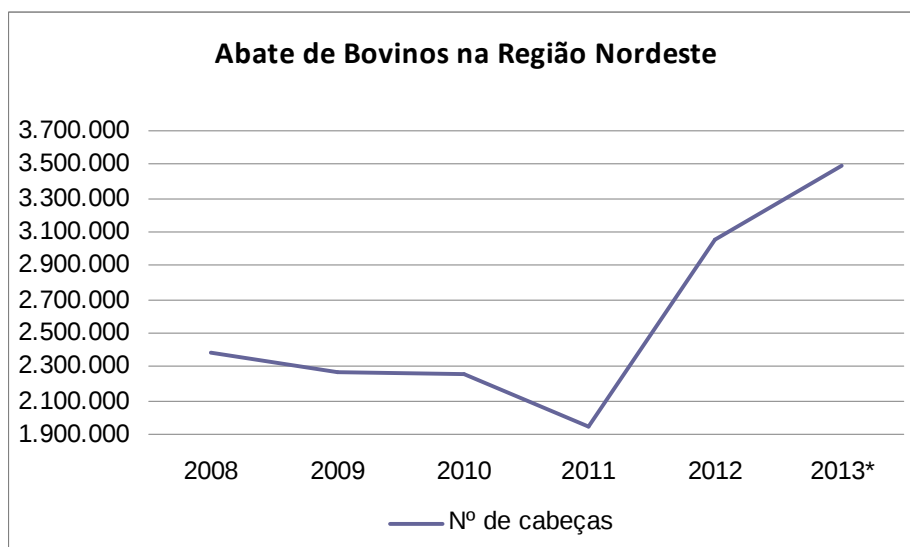
30/09/2013

1. Importância econômica e social da pecuária Bovina para o Nordeste

A pecuária bovina e seu segmento de abate e processamento de carne constituem-se numa importante atividade econômica e social das regiões do interior do Nordeste. De acordo com a edição de maio de 2011 do Informe Rural, elaborado pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene), do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), o segmento da carne gerou 7.845 empregos diretos em 2008, dos quais 5.131 na classe de abate de bovinos e 2.714 na indústria de produtos de carne. Bahia (2.795 empregos), Maranhão (1.946 empregos) e Pernambuco (1.380 empregos) foram os destaques regionais na geração desses empregos. Há, entretanto, diferenças estaduais por classe: na classe abate de reses, os estados mais empregadores foram a Bahia (2.262 empregos), o Maranhão (1.935 empregos) e Sergipe (282 empregos), enquanto na classe fabricação de produtos de carne sobressaíram-se Pernambuco (1.263 empregos), Ceará (645 empregos) e Bahia (533 empregos).

Ao longo dos últimos anos (2011-2013) vem se verificando na Região Nordeste um aumento no número de animais abatidos. Pelo gráfico 1, que apresenta o abate na Região nos últimos anos, pode-se observar que enquanto entre 2008 e 2011 a média situou-se em torno de 2,21 milhões de animais/ano, entre 2012 e 2013* a média elevou-se para 3,27 milhões de animais/ano, ou seja, um crescimento superior a 47%.

Gráfico 1



Fonte: SDA/MAPA

*Para 2013 os valores referentes ao 2º semestre foram projetados com base em semestres anteriores.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Essa tendência de aumento vem sendo motivada basicamente pela grave estiagem que atinge o Semiárido e faz com que os criadores nordestinos, em face das dificuldades para obterem insumos indispensáveis como água e pastagem, procurem se desfazer de parte do rebanho como forma de minimizar suas perdas econômicas. A intensificação desse movimento em razão da falta de boas perspectivas climáticas impacta no tamanho do rebanho e ameaça a própria manutenção do produtor rural na atividade.

2. Comercialização da carne bovina no Nordeste

Uma análise da complexa questão da disponibilidade de carne bovina na região Nordeste nas grandes redes nacionais de supermercados e hipermercados mostra que ela é dificultada pela insuficiência de oferta, irregularidade de suprimento, baixa qualidade, preços elevados, baixa escala de produção, deficiente logística de distribuição e pela ausência de padronização da carcaça. O quadro apresentado resulta de um sistema tipicamente extensivo de criação, de uma grande variação da idade e da diversidade de raças, além do problema da aftosa (abordado mais abaixo). As exigências das grandes redes são difíceis de serem cumpridas por pequenos e até médios frigoríficos. Essas redes, em suas aquisições, tomam por base requisitos comerciais que apenas os grandes grupos de frigoríficos reúnem condições de cumprir, agravando ainda mais a elevada concentração desse mercado na região.

As características da produção local mencionadas acima acabam fazendo com que o Nordeste figure como grande importador de carne bovina de todas as regiões brasileiras, especialmente do Norte e do Centro-Oeste, enquanto os embutidos e enlatados provêm principalmente do Sudeste e do Sul do Brasil. Com relação ao mercado externo de carnes, a participação do Nordeste nesse mercado ainda é muito pequena. No curto prazo, descarta-se a elevação das exportações de carne bovina em níveis expressivos, seja por falta de excedentes, seja devido à questão da febre aftosa ainda pendente de solução. Por exemplo, devido à classificação do Ceará como “área de risco desconhecido” em relação à febre aftosa, os animais desse estado não podem circular em outras regiões do País. Isso está comprometendo os negócios dos criadores nos estados considerados como “área de risco desconhecido”, pois faz com que o seu plantel fique impedido de participar amplamente do mercado. Como resultado, paga-se um preço menor do que o praticado convencionalmente no mercado. Segundo informações da Gazeta Mercantil, citando a Organização Internacional de Epizootias (OIE), na região Nordeste, somente Sergipe e Bahia podem transitar com animais para abate e reprodução em outros estados.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

3. Canais de comercialização

No Nordeste, a oferta de bovinos para abate se concentra nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro. O abastecimento dos frigoríficos, entretanto, não se dá somente a partir de animais da Região. Os grandes frigoríficos contam com corretores que identificam os produtores com animais em condições de atender às necessidades dos frigoríficos. Além desses corretores, há ainda os chamados marchantes, que adquirem gado com recursos próprios para abater e, posteriormente, negociar a carne.

Nas regiões de produção analisadas, os produtores consideraram positivo o papel desses intermediários, porque, dadas as peculiaridades regionais, poucos produtores conseguem formar lotes de animais que os habilitem a negociar diretamente com os frigoríficos e são muito poucos os casos de inadimplência dos marchantes, principalmente pela prática de negociar com poucos compradores os pequenos lotes de animais.

Os marchantes constituem-se, talvez, no principal tipo de intermediário atuando no Nordeste, sendo os responsáveis pelo suprimento de pequenos e médios supermercados, de feirantes, de açougues, de mercados municipais e de pequenos estabelecimentos comerciais privados, porque atuam antes e depois dos matadouros ou frigoríficos que, para esses, funcionam como prestadores de serviço.